



# Paralapraca

Os Cadernos de Experiências são materiais pedagógicos do programa Paralapracá destinados a profissionais que trabalham na Educação Infantil. Eles fazem parte da Coleção Paralapracá. Cada caderno aborda um eixo formativo – assim como a série de vídeos que também compõe a coleção – e visa apoiar os educadores na sua prática.

Este material foi elaborado a partir dos registros de professores e coordenadores pedagógicos, compilados durante a primeira edição do Paralapracá, que aconteceu entre 2010 e 2012, nos municípios de Feira de Santana·BA, Jaboatão dos Guararapes·PE, Campina Grande·PB, Teresina·PI e Caucaia·CE. Nas próximas páginas, há uma série de experiências vivenciadas pelos profissionais, crianças e seus familiares e comentadas por especialistas na área, a fim de explicitar questões teóricas, validar, problematizar e sugerir novas práticas pedagógicas a partir do que foi realizado.



DICAS



SAIBA MAIS



EDUCADOR



ESPECIALISTA



**PARALAPRACÁ**

O Caderno de Experiências *Assim se Explora o Mundo* é uma publicação do programa Paralapracá. O programa é uma frente de formação de profissionais da Educação Infantil criada em 2009, por meio de uma parceria entre a Avante – Educação e Mobilização Social e o Instituto C&A.

O Paralapracá foi implementado em diversos municípios e teve sua eficácia reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) em 2015, quando passou a integrar o Guia de Tecnologias Educacionais do MEC. O programa é uma metodologia da Avante, passível de ser implantada em regime de parceria em qualquer localidade brasileira.

Esta publicação faz parte da Coleção Paralapracá e está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição Internacional 4.0 (CC BY 4.0). Para ver uma cópia desta licença, visite <[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)> ou envie uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA, 94042, Estados Unidos.

**Realização**

Avante – Educação e Mobilização Social  
Instituto C&A

**Concepção**

Avante – Educação e Mobilização Social

**Equipe de elaboração da Coleção  
Paralapracá****Coordenação editorial**

Mônica Martins Samia

**Autoria**

Rita Margarete Santos

**Coleta de experiências pedagógicas**

Maria Aparecida Freire de Oliveira Couto

Fabíola Margeritha Bastos

Janaina G. Viana de Souza

Iany Bessa

Lilian Galvão

**Seleção de experiências pedagógicas**

Milla Alves

Mônica Martins Samia

**Leitura crítica**

Maria Thereza Marcilio

**Revisão de estilística**

Clarissa Bittencourt de Pinho e Braga

**Atualização de conteúdos da 2ª edição**

Mônica Martins Samia

**Revisão técnica da 2ª edição**

Janine Schultz

**Produção editorial da 2ª edição**

Sandra Mara Costa

**Revisão ortográfica**

Mauro de Barros

**Projeto gráfico, editoração e ilustrações**

Santo Design



# Sumário

Apresentação	6
Assim se explora o mundo	11
Dialogando com as práticas	10
Práticas comentadas	25



# Apresentação

A palavra “assim” pode indicar as diversas possibilidades de se fazer algo, a depender do contexto que este “algo” acontece e das pessoas que dele participam. No Paralapraca, “assim” representa a diversidade de fazeres e saberes encontrados nas mais de cem instituições de Educação Infantil que participaram da primeira edição deste programa de formação. O objetivo dos Cadernos de Experiências do Paralapraca é compartilhar as práticas vivenciadas e também realizar um diálogo entre teoria e prática, com vistas a se constituir em um material formativo.

A primeira edição do Paralapraca transcorreu entre os anos de 2010 e 2012 e trouxe uma proposta de formação continuada para profissionais da Educação Infantil tendo como base seis eixos formativos relevantes no currículo deste segmento: *Assim se Brinca*, *Assim se Faz Arte*, *Assim se Faz Música*, *Assim se Faz Literatura*, *Assim se Explora o Mundo* e *Assim se Organiza o Ambiente*. A iniciativa foi implementada em instituições de Educação Infantil de cinco municípios de diferentes Estados da região Nordeste do Brasil:

- Campina Grande • PB;
- Caucaia • CE;
- Feira de Santana • BA;
- Jaboatão dos Guararapes • PE;
- Teresina • PI.

A formação continuada provida pela ONG Avante – Educação e Mobilização Social, parceira do Instituto C&A na criação do Paralapraca, bem como o acompanhamento do trabalho das instituições de Educação Infantil que participaram da iniciativa, permitiu o registro e a sistematização

de suas práticas pedagógicas e produções culturais. Parte das experiências retratadas pelos profissionais foi, então, transformada nesta nova série de cadernos.

Os caminhos percorridos e registrados revelaram as mudanças ocorridas, os resultados e a reflexão sobre as práticas e as concepções de infância e de Educação Infantil que, por sua vez, foram sendo revisitadas, problematizadas e reconstruídas no percurso. Os registros indicam um caminho trilhado, não um ponto de chegada. Foi muito importante documentar este processo formativo para aqueles que dele participaram. Por meio desse recurso, tem-se a oportunidade de ajudar outros interlocutores a vislumbrar e a pensar sobre novas possibilidades e novos percursos.

É possível que, ao degustar o material, se identifiquem distâncias entre o dito e o vivido, o teorizado e a prática, o desejado e o realizado. No Paralapraca, assumimos que essas distâncias são parte inerente do processo e as consideramos provocativas. Nós esperamos que elas fomentem um ambiente reflexivo, assim como o olhar criterioso e diverso na busca de práticas pedagógicas mais coerentes, conscientes e possíveis.

Apresentamos os seis eixos formativos em separado nos Cadernos de Experiências, mas como linguagens e elementos curriculares eles se integram, e isso é explicitado muitas vezes nos registros. Este é um alerta necessário para manter os profissionais atentos ao enfoque integrado que deve caracterizar o currículo da Educação Infantil.

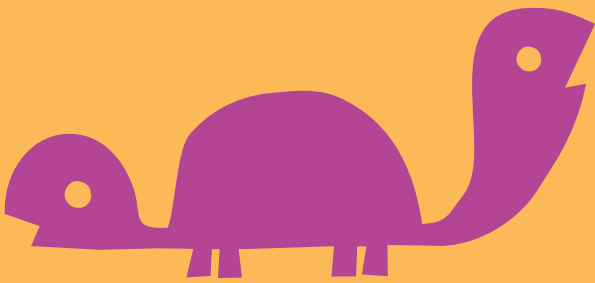
Esperamos que, acima de tudo, esta publicação seja capaz de apontar caminhos possíveis para outros educadores e que estes possam se inspirar e conhecer um pouco da trajetória daqueles que escreveram a história do Paralapraca em sua primeira edição. Ela expressa os valores e o reconhecimento da Avante e do Instituto C&A de todo esse processo de reflexão e transformação pelas quais diversas redes municipais de educação e seus profissionais passaram no decorrer da formação.



# Assim se explora o mundo

...a importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balanças, nem barômetros, etc (...) a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

MANOEL DE BARROS



As crianças, desde que nascem, buscam apropriar-se do mundo. Os primeiros anos de vida são um período de muitas descobertas. Por isso, quando o ambiente se revela favorável, a curiosidade é aguçada. Surge, então, a “fase dos porquês” — por volta dos 2 anos —, revelando a curiosidade infantil e sua necessidade de compreender a realidade do seu entorno. É a partir da interação com o meio natural e social no qual vivem que elas começam a compreender como este mundo funciona. Assim, elas irão interagir com o mundo usando diferentes linguagens (oral, escrita, plástica, corporal, musical, matemática) como instrumentos básicos de exploração e expressão.

Por isso, as práticas pedagógicas das instituições de Educação Infantil devem instigá-las e oferecer-lhes situações para que façam uso destas linguagens no processo de descoberta e de interação com o meio natural e o social. O ideal é que os conhecimentos oriundos desses meios sejam abordados de maneira integrada, respeitando, contudo, as especificidades dos diferentes campos. Uma dica é organizar as vivências e projetos levando em conta as indagações e interesses das próprias crianças. O frescor e a perspicácia do olhar delas levam a preciosos temas para as investigações.

Assim, é importante ajudá-las a elaborar perguntas acerca do mundo, observar diferentes ambientes, formular hipóteses, buscar explicações e utilizar diferentes fontes para acessar informações. Estes procedimentos valorizam as questões formuladas pelas crianças e as orientam na busca de respostas, fazendo com que elas expressem suas opiniões, interpretações e concepções e confrontem seu modo de pensar com os de outras crianças e adultos. Desta forma, contribuem para que construam conhecimentos cada vez mais elaborados e estabeleçam relações com seus contextos.

A postura dos professores é muito importante para a aprendizagem das crianças. Eles “devem agir como ponte entre o que a socieda-

de entende como verdadeiro e valioso e o que as crianças estão percebendo em seu ambiente.” (HARLAN & RIVKIN, 2002, p. 35). Assim, cabe a eles, além de exercitarem uma escuta atenta às indagações das crianças, formular questionamentos e levantar dúvidas que provoquem as crianças a observar e compreender o entorno e as questões que estão investigando, de forma mais intencional, para possibilitar o estabelecimento de múltiplas relações.

Além disso, não podemos esquecer que as diferentes manifestações culturais, incluindo as de caráter local, fazem parte da vida da criança e são essenciais para a construção da sua identidade. Por isso, devem ser valorizadas, reconhecidas e incluídas no percurso investigativo da criança.

Isso está assegurado nas Diretrizes Curriculares Nacionais (2009), no artigo 3º, que descreve o currículo como “um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade”.

O depoimento da coordenadora Sara C. de Alexandre Silva, da Escola Maternal Menino de Jesus, em Feira de Santana - BA, mostra como o Paralapraca ajudou as professoras desta instituição de Educação Infantil a incentivar a postura investigativa nas crianças:

Vejo que há uma sensibilidade das professoras para ouvir as crianças, valorizar seus questionamentos e constatações. As próprias professoras já estão questionando a relevância do que estão fazendo. Os conteúdos são os mesmos do ano passado, mas a sensibilidade e postura das professoras estão mudando.

# Dialogando com as práticas

## Por aí afora

O mundo onde as crianças vivem se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas.

RCNEI, 1998, P. 163



As crianças atribuem sentido ao mundo em que vivem a partir das suas experiências em diversos contextos. Por isso, a Educação Infantil é tão central para garantir igualdade de oportunidades à criança, visto que, independentemente da sua condição social, ela poderá acessar maior diversidade de experiências potencializadoras do seu desenvolvimento. Neste sentido, uma das condições essenciais para a riqueza das experiências é que elas não se limitem ao espaço da instituição de Educação Infantil. Foi o que aconteceu na Creche Vovó Adalgisa, em Campina Grande - PB. A professora Eliane Mota nos relata um passeio à Granja do Vovô Pedro:

O passeio à Granja do Vovô Pedro foi realizado com o objetivo de proporcionar às nossas crianças um momento de lazer, aprendizado, descobertas e de exploração de um mundo até então por elas desconhecido, um luxo dentro de uma realidade (comunidade) que





tinha como referência de existência o "Lixão", lugar para onde eram levados os resíduos sólidos de toda a cidade.

ELIANE MOTA, CAMPINA GRANDE · PB



Possibilitar às crianças explorar vários espaços é sempre garantia de muitas aprendizagens. O espaço é um educador em si — especialmente para as pequenas, que constroem conhecimentos diversificados sobre o meio social e natural à medida que conhecem outras realidades diferentes da sua.

Nos primeiros anos de vida, o contato com o mundo permite à criança construir conhecimentos práticos sobre seu entorno, relacionados à sua capacidade de perceber a existência de objetos, seres, formas, cores, sons, odores, de movimentar-se nos espaços e de manipular os objetos.

RCNEI, 1998, P. 169

A professora Eliane compartilhou como a experiência de exploração de mundo surpreendeu a todos:

Tínhamos planejado um número "x" de atividades que realizaríamos lá. No entanto, ficamos em estado de êxtase ao adentrar a propriedade do Sr. Pedro, pois percebemos que ali iria acontecer algo que não estava no *script*. O lugar era lindo e cheio de possibilidades de uso e que o próprio local oferecia as ferramentas de trabalho

ELIANE MOTA, CAMPINA GRANDE · PB



O Caderno de Orientação *Assim se Explora o Mundo*, da Coleção Paralapraca, comenta que, ao planejar, “é importante estar atento ao ambiente e materiais que deverão ser explorados [...]”. Nesta linha de pensamento, é fundamental que a professora se informe sobre o local e, na medida do possível, faça uma visita antes de levar as crianças, a fim de possibilitar o máximo possível de experiências, além de se certificar de que há segurança para as crianças. Além disso, quando a professora conhece previamente os espaços a serem explorados, pode refletir sobre a qualidade das experiências que elas vivenciarão nesse espaço.

No caso dos bebês, o cuidado deve ser ainda maior. O capítulo “Os bebês e a experiência com e no mun-





do”, do Caderno de Orientação *Assim se Explora o Mundo*, oferece informações e dicas importantes.

No vídeo deste mesmo eixo formativo, a professora Thereza Marcílio destaca que “uma criança chega ao mundo e quer conhecer esse mundo”. É primordial que o professor crie situações que a possibilitem agir sobre os elementos naturais e culturais e esteja atento às suas reações. Veja como a professora Eliane comenta a satisfação das crianças agindo e interagindo com os objetos, plantas e aves, demonstrando a importância do contato com a natureza e do convívio com pequenos animais:

As crianças se divertiram, correram e brincaram. Puderam desfrutar de um ambiente que oferece qualidade de vida. Era visível sua satisfação ao conseguirem colher frutos das árvores, correr tentando pegar as aves, chamando-as para brincar. Outras queriam subir nas árvores, sem se incomodar com os desafios inerentes à situação (altura, espessura). No parque, as crianças deleitavam-se, sorriam, era pura satisfação. Tentavam repetir o canto dos pássaros. Aquele lugar as deixava com uma sensação de liberdade, de empoderamento, de sonhos realizados.

ELIANE MOTA, CAMPINA GRANDE · PB



É importante lembrar que as diferentes possibilidades oferecidas às crianças, ao mesmo tempo que estimulam e respondem à curiosidade delas, promovem também a ampliação do seu olhar, a elaboração de novas conexões e o surgimento de mais questões, resultando em múltiplas aprendizagens.

Este currículo que emerge nos espaços externos à escola é muito rico, pois permite que as crianças aprendam sobre a vida convivendo com a diversidade de ambientes, experiências e situações da comunidade. O professor precisa estar atento ao que acontece na vida comunitária, que também carrega elementos essenciais para a cons-

★ O *Estação Paralaçracá: menu de paisagens culturais* é uma publicação que contém uma coletânea de diferentes manifestações culturais das comunidades/municípios que participaram da primeira edição do Paralaçracá. Vale a pena conferir alguns saberes produzidos por essas comunidades. Os profissionais das instituições participantes do programa compreenderam a importância da inclusão desses saberes nas práticas pedagógicas e, assim, certamente contribuíram para a construção da identidade das crianças e sua possibilidade de interagir e valorizar diversos tipos de conhecimento.



trução da identidade das crianças. Por meio dessas práticas do cotidiano, as crianças constroem conhecimento sobre si e a vida social no seu entorno.

Por isso, o olhar do professor deve ser sensível e observador da grande diversidade de costumes, hábitos e expressões culturais presentes no entorno das crianças. ❖

Nas formações do Paralapracá, esta atitude investigativa foi muito desenvolvida no processo formativo, o que permitiu que as professoras Lívia e Sandra, da Escola Municipal Alda Marques, em Feira de Santana - BA, incorporassem uma tradição da comunidade, que passava despercebida até então, como um importante elemento do currículo. Ao compreenderem a importância da investigação sobre as festividades locais, as professoras proporcionaram várias experiências e aprendizagens ao grupo das crianças de 3 anos de idade:

“Conversamos como é feita a bata do feijão, onde o dono da roça coloca o feijão para secar. Depois de as vagens estarem secas, o dono da roça chama os vizinhos para ajudar no trabalho de debulhar. Todos os homens fazem uma grande roda com um pau na mão e começam a bater na vagem seca que está no terreiro e vão cantando uma música. Depois de separar o feijão da vagem, eles catam o feijão e jogam as vagens secas no mato para adubar a terra.” ❖

As crianças cantaram, tocaram, movimentaram-se e aprenderam sobre plantio e colheita. Plantaram e cuidaram de pés de feijão, em sintonia com a ampliação de seus repertórios culturais, musicais e festivos. E, em meio a estas divertidas vivências, conheceram e cantaram um dos cantos das batas da região: ❖

Tanta gente pra comer,  
E eu sozinho pra bater  
Bate feijão, Mané João  
Que eu quero ver palha no chão

Esta festividade, publicada no *Estação Paralapracá*, ❖ da Coleção



As festas de que participam, a alimentação, as diferentes brincadeiras, os modos de se vestir, de viver em sociedade, a visão que os adultos têm das crianças e as produções que são direcionadas para a infância são resultado dos diferentes modos de se relacionar e significar a realidade. Essa teia de relações vai constituindo as crianças enquanto seres humanos à medida que as próprias crianças também atribuem sentido ao mundo a partir das interações que estabelecem com a(s) cultura(s) que está(ão) ao seu redor.

COLEÇÃO PROINFANTIL, MOD.II, UNIDADE 3. VOL. 2, 2005



Paralapraca, ocorre na região de Quixabeira, assim como em outras comunidades de Feira de Santana. Os cantos entoados atravessaram gerações, foram se modificando e se adequando a novas realidades.

Como nos relata o pesquisador Sandro Santana, durante as batatas, geralmente se reúne toda a família, incluindo mulheres e crianças. Enquanto os homens vão dando porretadas nas vagens e juntando as partes que se espalham com os pés, as mulheres seguem em fila, retirando com uma peneira as cascas que sobraram. Depois das batatas, é comum as mulheres cantarem suas cantigas de roda enquanto peneiram. Uma das canções comumente cantadas nessas ocasiões, *Amor de longe*, se tornou bastante conhecida através do grupo Quixabeira de Lagoa da Camisa:

Amor de longe, benzinho  
É favor não me querer, benzinho  
Dinheiro eu não tenho, benzinho  
Mas carinho eu sei fazer até demais

Diferentemente dos bens culturais materiais — como monumentos, edificações históricas, etc. —, as manifestações culturais tradicionais são transmitidas de geração em geração por membros da comunidade e cumprem um importante papel de preservação da herança cultural de um povo, gerando um sentimento de identidade e continuidade. Esses saberes e práticas, em geral transmitidos de forma oral, são bens culturais de natureza imaterial e carregam os fundamentos da vida comunitária.

Pensando na festividade da Bata do Feijão como conteúdo a ser explorado no currículo da Educação Infantil, pelo menos dois grandes aspectos podem ser destacados no processo de investigação com crianças

★ É importante a sensibilidade das professoras em perceberem quais as possibilidades de interação das crianças de 3 anos com este tipo de contexto e o relato ressalta que as músicas tradicionais foram elementos que lhes interessaram. A flexibilidade de ir adequando as mediações àquilo que faz mais sentido para elas é fundamental. Por isso, mesmo com temas comuns, os projetos nunca seguem o mesmo percurso.

★ Conheça outras festividades típicas dos municípios que participaram da primeira edição do Paralapraca nas Paisagens Festivas da publicação *Estação Paralapraca: menu de paisagens culturais*.

★ Santana é autor do livro *Música e Ancestralidade na Quixabeira*, publicado em 2012, pela Edufba.

🔍 Você pode encontrar várias referências desta paisagem festiva na internet. Uma reportagem interessante pode ser encontrada no acervo do programa *Globo Rural* pelo link <https://goo.gl/p88Lkm>







de 3 anos de idade ou mais.

Um deles é a festa em si, como uma manifestação cultural, que diz muito das tradições e costumes de uma dada comunidade. Ela é disparadora de muitas aprendizagens pelas crianças que, conhecendo a história dos festejos, aprendem sobre a história de seu grupo social, entendendo que hábitos e costumes não são os mesmos para todos.

Outra investigação relevante diz respeito às mudanças ocorridas ao longo do tempo nesta manifestação cultural, o que pode contribuir para as crianças estabelecerem relações entre os modos de ser, viver e trabalhar de gerações anteriores que habitavam a sua comunidade. A ideia de (im)permanência, de mudança, de tempo histórico vai se construindo quando as crianças vão compreendendo as modificações ocorridas no patrimônio material e, neste caso, imaterial.

Abordando as tradições dessa forma, a Educação Infantil apresenta às crianças os contornos do mundo que as circunda. Com isso, elas ampliam o olhar para a diversidade de manifestações que caracterizam seu universo cultural – não de forma estereotipada, como muitas vezes ocorre, mas com atenção às singularidades da vida, contribuindo para que compreendam melhor os aspectos sociais do mundo que as cerca.

As feiras também oferecem um mar de possibilidades para exploração com crianças e estão presentes na maioria dos bairros. Em Campina Grande - PB, as professoras Eliane Paiva Farias, Cláudia Maria Ferreira de Lima e Solange da Silva Galdino, da Creche Municipal Severino Cabral, desenvolveram um projeto sobre a Feira Central de Campina Grande. Elas relatam:

Ao abordarmos o eixo *Assim se Explora o Mundo*, do Parâmetro, conversamos com a coordenadora e decidimos estudar a Feira Central de Campina Grande, com as turmas de 4 e 5 anos.

Iniciamos o trabalho com a música *Feira de mangaio*, de Sivuca. Apresentamos o texto em cartaz e o CD da música, falando um pouco sobre o autor. A letra da música traz muitas informações e possibilita o levantamento de questões para saber o que as crianças conheciam sobre a feira. Isto resultou em uma atividade bastante proveitosa. Algumas falaram que suas



mães iam semanalmente à feira central e outras conheciam alguns objetos citados na música, como bolo de milho, cocada, rapadura, graviola e fumo de rolo, citado por três crianças que viam os pais fazendo cigarro de fumo ou a avó preparando o cachimbo. Outras perguntavam o que era cangalha, candeeiro, entre outros objetos.

Na sequência, foram apresentados vídeos e fotos sobre a história da Feira de Campina Grande. Nós percebemos que não adiantaria focar na localização, visto que as crianças ainda não têm conhecimento das ruas centrais da cidade. Então, focamos na história dos tropeiros da Borborema, que traziam os seus produtos para venda e troca e, assim, iniciaram a feira de Campina Grande.

ELIANE PAIVA FARIAS, CLÁUDIA MARIA FERREIRA DE LIMA E  
SOLANGE DA SILVA GALDINO, CAMPINA GRANDE · PB



As discussões podem ser momentos privilegiados de aprendizagens e devem ter objetivos diferentes, conforme o momento que ocorrem no processo de investigação. Neste caso, aconteceu na introdução do estudo pretendido:

As discussões introdutórias estimulam o interesse por novo assunto quando as crianças são estimuladas a recordar eventos que tenham descoberto pessoalmente e trazem o que já sabem sobre o tópico. Nesse momento, são observadas as teorias subjetivas das crianças, sem qualquer desafio a falhas evidentes. Elas são estimuladas a fazer suas próprias perguntas sobre o que gostariam de descobrir nas atividades.

HARLAN & RIVKIN, 2002, P. 50

Assim como a festividade da Bata do Feijão e a Feira de Campina Grande, outras paisagens da comunidade oferecem muitas possibilidades para investigação, tanto de caráter objetivo — descrição de fatos concretos, como as relações de produção da sociedade e sua estrutura — quanto de caráter subjetivo: crenças e valores.

A responsabilidade de fazer o “recorte” é da equipe pedagógica (coordenadora, professora e, em alguns casos, a direção).

Identificar o que as crianças podem, devem e querem saber é uma tarefa que exige do professor conhecimento sobre os interesses das crianças, seus conhecimentos prévios e as possibilidades de aprendizagem que o tema oferece no contexto que o grupo (crianças e professor) se encontra. As discussões sobre aspectos relacionados à feira foi interessante, mas, é claro, ir à feira foi a vivência essencial para potencializar as aprendizagens das crianças.

No dia seguinte da visita à feira, retomamos a discussão sobre o passeio e realizamos a produção de texto coletivo verbal e não verbal sobre o que mais havia chamado a atenção das crianças. Foram tantos desenhos de animais, que montamos um mural só deles. Elas conseguiram reproduzir com muito entusiasmo tudo o que viram e manusearam no local.

ELIANE PAIVA FARIAS, CLÁUDIA MARIA FERREIRA DE LIMA E  
SOLANGE DA SILVA GALDINO, CAMPINA GRANDE · PB



Outros pontos a serem destacados no relato das professoras foram o uso de texto coletivo verbal e não verbal para fazer o registro e o momento em que ele foi construído no decorrer do processo. Não custa lembrar que o professor deve propiciar o uso das diferentes linguagens (textos coletivos ou individuais, murais ilustrados, desenhos, maquetes, etc.) e que é importante planejar situações para as crianças socializarem os resultados de suas pesquisas com colegas de outros grupos da instituição.

## A curiosidade infantil



Uma vivência de fomento à curiosidade sobre o mundo social e natural aconteceu na Escola Nedi Tia Romélia, em Caucaia · CE. A professora Francisca Maria C. Ramos relata as observações feitas pelas crianças:

Na criação da horta para o cultivo de hortaliças a serem utilizadas no próprio lanche das crianças e de plantas medicinais, as crianças puderam observar o desenvolvimento das plantas. Observavam que, quando passá-







ACERVO PARALAPRACA



vamos um dia sem regar, às vezes até pela falta d'água na instituição, as plantas secavam e suas folhas caíam com facilidade e, ao regar, percebiam logo que as plantas se tornavam novamente viçosas, "vivas", como diziam as crianças.

FRANCISCA MARIA C. RAMOS, CAUCAIA · CE



A observação, além de ser qualidade inerente ao ser humano, tem grande importância na organização do pensamento e nos mecanismos de atuação e de conduta mais elementares. Por isso, as instituições de Educação Infantil devem fomentar a participação das crianças em atividades espontâneas ou sistemáticas que as possibilitem se voltar a elementos do ambiente de forma mais intencional.

Mediante a observação, introduzimos a realidade em nosso interior, apropriando-nos dela. Ela propicia o desenvolvimento de uma série de capacidades do tipo sensorial: táteis, olfativas, gustativas, sonoras, visuais e sinestésicas. Influi na capacidade de precisão acerca das noções inerentes a objetos, seres, acontecimentos, realidades e fatos, na assimilação de percepções multissensoriais, imagens, lembranças e situações, e no estabelecimento de emoções, sentimentos.

ARRIBAS, 2004, P. 119

A professora Francisca destaca o aprendizado das crianças ao participarem da atividade, sempre ressaltando a observação:

Essa atividade foi importante para o aprendizado das crianças, pois elas puderam observar dia após dia o desenvolvimento da pequena horta, desde plantarmos, regarmos e as plantas crescerem até serem colhidas para utilização na merenda da escola.

FRANCISCA MARIA C. RAMOS, CAUCAIA · CE



Por meio desta observação, as crianças podem captar muitas das qualidades inerentes aos objetos e seres existentes no ambiente. Ao fazer o seu planejamento, o professor deve sempre partir da curiosidade da criança e se inserir como um participante interessado e curioso que pode trazer novas perguntas e sugerir



novas observações, ajudando-as a registrar e organizar o processo.

Depois de indagar e registrar o que as crianças já sabem e o que gostariam de saber, o professor pode fazer perguntas e estimular questionamentos que possibilitem observar de maneira sistemática os elementos e as relações que se estabelecem em seu ambiente.

Outro aspecto importante que deve ser considerado na exploração do mundo pelas crianças é a inserção da comunidade. Trazer os adultos como referência para as experiências reforça os laços comunitários e a percepção de que o que elas irão vivenciar já foi experimentado por outros. A ideia de passar dos mais velhos para os mais novos é uma prática que valoriza o conjunto dos saberes das comunidades.

Veja como a professora Francisca destaca a participação de adultos nas atividades com as crianças:

Tivemos a participação da comunidade, que se deu por causa do convite que fizemos aos pais para se envolverem nesse novo eixo. Foi importante no início, quando avós, mães e pais contribuíram doando mudas e ajudando na plantação da horta.★



A observação e a experimentação são processos menos complexos da atividade científica e podem ser encontrados no comportamento infantil. À medida que o pensamento das crianças se torna mais abstrato, elas são capazes de utilizar processos cada vez mais sofisticados nas atividades científicas, como: classificar, medir, comunicar, prever, planejar investigações, interpretar e elaborar explicações a partir dos dados. Por isso, é importante o professor planejar experiências que favoreçam as crianças exercitarem cada uma destas observações.

Buscar respostas e informações e se familiarizar com questões relativas ao mundo físico e social são ações que mobilizam professores e crianças. No caso do professor, é importante ressaltar a necessidade da ampliação de seu conhecimento científico previamente

★ A participação das famílias em experiências como esta pode ser ampliada, por exemplo, através de entrevistas com os pais para obter informações sobre o processo de crescimento de hortaliças e legumes, preparação do solo e condições adequadas para germinação e crescimento das plantas.





te ao desenvolvimento das ações pedagógicas planejadas. Mas ele também pode descobrir e ampliar seus conhecimentos na realização dos projetos ou investigações, juntamente com as crianças e não se angustiar por não saber todas as respostas.



ACERVO PARALAPRACA





# Práticas comentadas

## Os “porquês” infantis

**SANDRA GONÇALVES DE MATOS** PROFESSORA

ESCOLA MUNICIPAL JUDITE ALENCAR MARINHO, CRIANÇAS DE 5 ANOS DA ZONA URBANA, FEIRA DE SANTANA · BA

Meu pai, quem pintou a nuvem?  
Se minha mãe é sua esposa... quem é sua mulher?  
Tá vendo... meu Toddynho é quadrado.  
Minha cabeça é um círculo.  
A sua cabeça é um círculo também!  
LEÔNIDAS IBRAHIM (3 ANOS)



Crianças e suas perguntas capciosas... Particularmente, nunca pensei que este seria o objeto de estudo de um dos nossos eixos.

Enquanto estas perguntas estão no âmbito familiar "é tudo lindo e engraçadinho". Mas, quando elas passam a ser objeto de investigação, entra a necessidade de estudos e trocas.<sup>1</sup>

Detonando o eixo *Assim se Explora o Mundo*, em minha sala de aula,



1 A atuação do professor deve incentivar as crianças a fazer descobertas sobre o mundo físico e social. Segundo Harlan & Rivkin (2002), a aprendizagem através da descoberta das ciências está associada às perguntas que admitem diferentes respostas. Saiba mais sobre estas questões lendo o Caderno de Orientação *Assim se Explora o Mundo*, tema "O que o professor precisa saber e fazer", e o livro *Ciências na educação infantil: uma abordagem integrada* (2002).




optei por usar a música *Oito anos*, de Adriana Calcanhoto. Música usada no último encontro de formação de coordenadores. A princípio, conversei com as crianças que iríamos assistir a um vídeo com uma música diferente, que não era uma daquelas cantigas de roda que costumamos ouvir. Elas aceitaram e ficaram curiosas. Fomos para a sala de leitura e na lousa assistimos a um dos vídeos disponibilizados no YouTube. As crianças gostaram, principalmente porque tem imagens curiosas relacionadas às perguntas feitas.

Depois, retornamos à sala e vimos detalhadamente a letra da música exposta em cartaz. Fizemos a leitura coletiva para aproximação de algumas palavras e depois a leitura mais analítica, na qual tentamos responder às perguntas feitas na música. Foi muito interessante! As crianças responderam coisas que nem passavam pela minha cabeça de adulta engessada pelo cotidiano. Outras respostas eram tão ingênuas que conseguiram me comover<sup>2</sup>. Eis alguns exemplos:

- Por que a gente morre? Porque a gente fica perto do assaltante! Porque bebe veneno!
- De onde os filhos saem? Da barriga da mãe!
- Por que a gente espirra? Porque tá gripado!
- Por que sai aguinha do nariz? Porque a gente toma gelado!
- Do que é feita a nuvem? De algodão-doce!
- Do que é feita a neve? De pão e gelo!

Confesso que não esperava tanto! Ou tão pouco! Curiosa, também, foi a atitude das pessoas (demais funcionários da escola). Eu havia pedido a uma delas para fazer o cartaz com a letra da música. Ela disse no dia que me entregou o cartaz que, enquanto estava escrevendo, se perguntava: "O que Sandra quer com isso? Tá doída... uma música tão grande e uma letra sem sentido nenhum..."

Essa pessoa foi a primeira a apreciar o painel com as respostas das crianças que afixei no pátio da escola e admitiu: "Eles são demais. Nenhuma dessas respostas havia me passado pela cabeça!".

 2 A curiosidade das crianças se manifesta, também, por meio das brincadeiras, das experiências e, principalmente, das perguntas intermináveis. As perguntas, muitas vezes, representam um complexo exercício de elaboração de pensamentos e sentimentos e, por vezes, surpreendem o que estão em seu entorno. Segundo Antonini (2008, p. 30), o professor é peça indispensável da construção do conhecimento infantil. É ele que, além de deixar a criança livre, observa e intervém, propondo-lhe questões. Começar a fazer ciência é, pois, começar a perguntar.





Enfim, este foi o primeiro passo para abordar o eixo *Assim se Explora o Mundo*, que eu particularmente prefiro chamar de eixo da *Curiosidade*<sup>3</sup>! É um desafio duplo para nós, professores<sup>4</sup>, historicamente habituados a dar respostas prontas às crianças, ludicamente habituados a conformar-se com respostas simples e evasivas!


O próximo passo é discutir a viabilidade de cada uma das respostas dadas pelas crianças, fazer pequenas pesquisas e entrevistas com familiares e corpo docente. Quem sabe, ao final, conseguimos fazer um pequeno artigo científico sobre as nossas descobertas?!<sup>5</sup>



Durante o planejamento, você se questiona sobre do que é mesmo que as crianças precisam, desejam e podem saber sobre o mundo? Estas perguntas devem ser respondidas por meio de estudos e da observação das próprias crianças. As perguntas capciosas que fazem, especialmente aquelas referentes aos conhecimentos e conceitos científicos, podem desestabilizar os professores, porque eles próprios ainda apresentam lacunas nesta área de conhecimento. Nesta situação, é importante ressaltar a necessidade da ampliação de conhecimento científico por parte do professor. Por outro lado, o professor pode descobrir e ampliar seus conhecimentos na realização do projeto, juntamente com as crianças, e não se angustiar por não saber todas as respostas. E, nesta perspectiva, a pedagogia de projetos revela-se como importante forma de organização das atividades pedagógicas, potencializando-as como situação de aprendizagens para crianças e professores.

 **3** Ótimo pensar assim! Realmente o professor deve alimentar a curiosidade que as crianças revelam desde muito pequenas. Por isso, uma parte importante de suas tarefas é fomentar a elaboração e lançar perguntas, incentivando-as a elaborar, socializar respostas, ainda que provisórias, como é próprio das ciências. O papel da instituição de Educação Infantil é manter a curiosidade viva e expandir a possibilidade de busca de respostas e formulação de novas perguntas.

 **4** Para Harlan & Rivkin (2002, p. 35), “embora muitos professores sintam-se desconfortáveis quanto à sua compreensão de conceitos científicos, muitos destes conceitos são possíveis de uma descoberta conjunta pelo professor e pelas crianças. Trabalhar com materiais reais, reforçar os conceitos de várias e diferentes maneiras, com meios também diversos, e estar aberto a surpresas, tudo isso contribui para o desenvolvimento de conceitos com participação de todos”.

 **5** Esta pode ser excelente possibilidade para as crianças construírem conhecimentos mais elaborados, pois possibilitará que elas formulem e respondam suas próprias questões, busquem outras respostas e as comparem com as suas. Além de formularem explicações, expressarem suas opiniões, interpretações e concepções de mundo e sistematizarem e registrem suas aprendizagens.



# Uma ideia puxa a outra

**DÁVILA MARTA QUEIROZ** GESTORA

**LUCIMARY DO NASCIMENTO** COORDENADORA PEDAGÓGICA

**LIZETE ALEXANDRE E JOSELINE BISPO** PROFESSORAS

CRECHE GALDINA BARBOSA SILVEIRA, CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS  
DA ZONA URBANA, CAMPINA GRANDE · PB



Após o encontro de formação do Paralapracá, no qual foi discutido e sugerido o estudo de paisagens pedagógicas das crianças de 4 e 5 anos da Creche Galdina Barbosa Silveira, desenvolvemos um projeto envolvendo a paisagem gastronômica<sup>6</sup> que se destaca no bairro dos Cutiés, onde a instituição está situada.

Objetivando ampliar o repertório das crianças no que diz respeito às práticas culinárias da comunidade, identificamos que a paisagem gastronômica presente que chamava atenção das crianças<sup>7</sup> eram os alimentos derivados da mandioca, pois uma senhora costumeiramente faz e vende tapiocas diariamente nas ruas do bairro.

Discutimos e refletimos com as crianças sobre a importância da mandioca e seus derivados. Apresentamos a elas músicas, lendas e atividades diversas que envolviam a temática. Foi então que decidimos fazer uma visita a uma plantação de mandioca no povoado de Jenipapo, onde as crianças tiveram a oportunidade de conhecer a plantação de mandioca e arrancar a raiz, reconhecendo-a como mandioca doce (mais conhecida como macaxeira). Levamos a mandioca para a creche, cozinhamos e comemos.

Posteriormente, visitamos uma casa de farinha (fábrica de farinha) no mesmo povoado, e as crianças observaram e participaram da raspagem da mandioca. Depois de raspada, a mandioca passou pela prensa para tirar um líquido chamado manipueira, foi peneirada e torrada no forno. Então, foi só saborear a fari-



**6** Conheça outras paisagens gastronômicas no *Estação Paralapracá: menu de paisagens culturais*.



**7** A estratégia para escolha da paisagem foi muito apropriada, porque possibilitou as crianças observarem questões do seu cotidiano que lhes despertavam interesse. Também provocou uma “imersão” das crianças no mundo social e cultural que as cerca. Atividades desta natureza são importantes também, porque contribuem para as crianças construir sua identidade à medida que se relacionam com os adultos e com as outras crianças que participam da comunidade educativa.



na feita na hora! Uma experiência inesquecível<sup>8</sup>.

Além disso, levamos a massa de mandioca para a creche e extraímos a goma. Em seguida convidamos uma senhora do bairro (que, por coincidência, é mãe de uma criança da instituição) para fazer a tapioca com a gente<sup>9</sup>.

As crianças ajudaram a peneirar a goma, observaram a sua transformação em tapioca, no fogo, puseram margarina nas tapiocas e degustaram-nas. Ainda utilizamos o restante da massa para fazer beiju com uma funcionária da creche que convidamos para nos ajudar. As crianças participaram, mais uma vez, com muito entusiasmo<sup>10</sup>.

Assistimos a um vídeo informativo sobre o cultivo da mandioca e o processo de produção de farinha, tapioca e outros alimentos feitos à base dessa raiz. Ensaíamos a música *Massa de mandioca*, enfeitamos peneiras para apresentação da música, realizamos diversas atividades pedagógicas acerca do tema, inclusive um trabalho artístico utilizando a folha da planta.

Consideramos a experiência riquíssima para as crianças, que participaram de todas as atividades com muito entusiasmo e muita atenção em todas as etapas do processo, em que foram recriadas situações de aprendizagem e aulas prazerosas.



O interesse e a curiosidade são os maiores mobilizadores das crianças. Sobre este assunto, consta no *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* que, “movidas pelo interesse e



8 O *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (1998) destaca a importância de o professor eleger temas fomentadores do conhecimento de hábitos e costumes socioculturais diversos e sua articulação com hábitos e costumes que as crianças conhecem. Por exemplo: tipos de alimentação, vestimentas, músicas, atividades de trabalho e lazer, etc. Isto ajuda as crianças a aprender e estabelecer relações entre o seu cotidiano e as vivências socioculturais, históricas e geográficas de outras pessoas, grupos ou gerações. Assim, algumas questões poderiam ser levantadas com as crianças: todas as pessoas sempre fizeram farinha deste jeito?; existem outras maneiras de produzir farinha?; será que existem fábricas de fazer farinha?.



9 Toda comunidade constrói saberes que, assim como os saberes universais, ajudam as crianças a compreender o mundo. O preparo dos alimentos é um dos saberes comunitários de grande valia e deve ser explorado na instituição de Educação Infantil como elemento que pode estimular a curiosidade e o interesse das crianças pelo mundo que as cerca.



10 O professor deve procurar sempre envolver a comunidade escolar de alguma forma nos projetos da instituição. Desta forma, possibilita que outros adultos, além das famílias, contribuam com a aprendizagem das crianças e ampliem seus próprios conhecimentos, tanto sobre o mundo social e natural quanto sobre o processo de aprendizagem infantil.



pela curiosidade e confrontadas com as diversas respostas oferecidas por adultos, por outras crianças e/ou por fontes de informação, como livros, notícias e reportagens de rádio e TV, etc., as crianças podem conhecer o mundo por meio da atividade física, afetiva e mental, construindo explicações subjetivas e individuais para os diferentes fenômenos e acontecimentos”. (RCNEI, 1998, P. 169).

## Lá

- ANTONINI, Elizabeth. *A natureza e a descoberta da realidade natural e artificial*. Cuiabá: Ed. UFMT, 2008. Faz.1.
- ARRIBAS, Tereza Alleixá e cols. *Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- BARBOSA, Maria C. Silveira e HORN, Maria da G. Souza. *Projetos pedagógicos na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2008
- BRASIL. Ministério da Educação. *Coleção ProInfantil*. Mod.II, Unidade 3, vol. 2. Brasília: MEC/SEB, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*, vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- HARLAN, Jean e RIVIKIN, Mary S. *Ciências em Educação Infantil: uma abordagem integrada*. Porto Alegre: Artmed, 2002.









DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Santos, Rita Margarete *Caderno de experiências: assim se explora o mundo* / [autoria Rita Margarete Santos ; curadoria Avante – Educação e Mobilização Social, Instituto C&A]. -- 2. ed. -- Salvador, BA : Avante – Educação e Mobilização Social, 2018. -- (Coleção Paralapracá)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-60828-29-6

ISBN 9788-5-60828-13-5 (coleção)

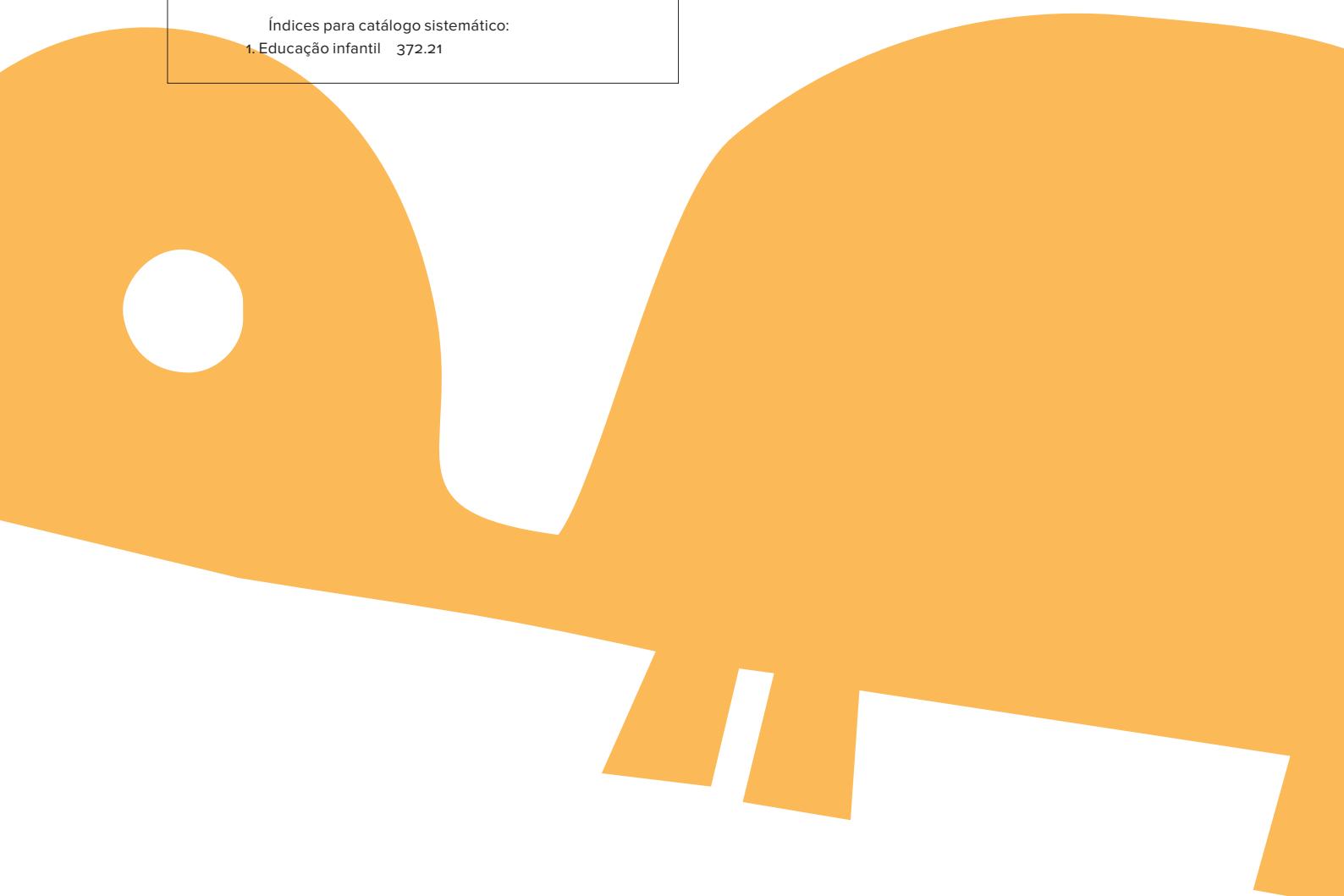
1. Coordenadores pedagógicos 2. Educação infantil 3. Educadores - Formação 4. Formação continuada 5. Paralapracá I. Avante – Educação e Mobilização Social. II. Instituto C&A. III. Título. IV. Série.

18-13603

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação infantil 372.21



Esta publicação foi escrita por muitas mãos! As mãos de quem viveu ou testemunhou as experiências: professores/as, coordenadores/as e gestores/as das instituições de Educação Infantil parceiras do Paralapracá. As mãos e o olhar cuidadoso de estudiosos da Educação Infantil que realizaram o diálogo teórico e contribuíram com elementos reflexivos. As mãos laboriosas das assessoras e supervisoras do Paralapracá que contribuíram de forma especial para a coleta dos registros. As mãos de diferentes colaboradores que se debruçaram sobre os registros e os organizaram, mantendo a riqueza das experiências e articulando-os para melhor apreciação. A todos, o nosso reconhecimento, respeito e admiração!



